

A HISTÓRIA POR TRÁS DE UMA HISTÓRIA

Já passava bem de meia-noite. Na redação, além dele, não havia mais ninguém. As outras luzes do local de trabalho, há tempo já se haviam apagado; o zunir dos ventiladores de vários computadores que nunca eram totalmente desligados, era o único barulho que ainda se ouvia. Encostou a cabeça em sua cadeira e suspirou. “Poderei eu entender-te algum dia?”, passou-lhe, como num relâmpago, pela cabeça. Há dias ele se ocupava com uma história de um fundador de Congregação, francês, do século XIX. As informações correspondentes na Internet, ele já havia providenciado. Também havia lido uma que outra biografia, escritas quase exclusivamente por confrades bem intencionados. A história deste Leão Dehon já estava pronta há dias, e já poderia tê-la liberado no início da semana: um cidadão filho de pais abastados, mergulha fundo na questão social do século XIX, toma parte na política, funda uma associação de pessoas que compartilham seus anseios e ideais, sofre oposição de algumas autoridades eclesiais e de alguns confrades; na virada do século torna-se visivelmente mais calmo; sobrevive, com sua comunidade, à Primeira Guerra Mundial e morre em idade avançada. De qualquer maneira, uma vida empolgante, da qual é possível fazer uma bela história. Não chegaria a ser sensacional quanto a de Francisco de Assis, Gandhi ou Martin Luther King. O que, porém, desde o início o havia fascinado, era o fato de que até hoje, passadas várias gerações, milhares de pessoas haviam aderido à sua comunidade. E isso parecia não ter fim. Naturalmente, estava ciente que nem todos entraram na comunidade apenas por se terem entusiasmado com a pessoa de Dehon. Em todo o caso: ele havia iniciado um movimento que, ainda 100 anos mais tarde, continuava a existir. Em casa, durante o jantar, comentou com a namorada a respeito disso. E ela então – tipicamente – lhe dirigiu a pergunta que, desde aquele momento, não o deixava mais em paz: “por quê, então, ele fez tudo isso?”

A princípio ele ingenuamente ainda acreditava que a leitura dos escritos de Dehon pudesse fornecer-lhe a resposta. Mas lendo sua bibliografia, viu que não era bem assim. Não que a língua e a espiritualidade do século XIX lhe causassem problemas, pois na redação ele era especialista em temas dessa época e entendia bem do assunto. Mas quando viu a lista dos incontáveis escritos, discursos e cartas, pensou em desistir no mesmo instante. Pois, já que em sua vida privada e profissional havia também outros assuntos... Infelizmente – assim lhe havia sido dito na sede da Congregação – não existia sequer um livrinho de 10 páginas, onde o Senhor Dehon, em seu tempo, tivesse registrado, de forma suscinta, o que havia entusiasmado tanta gente. Naturalmente, logo vieram à cabeça de Pierre respostas como “Deus”, “a fé”, mas isso não lhe bastava. Queria saber como esse homem sentia Deus, e que tipo de fé o havia posto nesse caminho que se pôs a seguir. Pierre estava seguro que se tratava de um homem muito ousado. Permitiria ele mesmo, a um estranho, mergulhar tão profundamente no mistério da própria vida? Pois bem, consolava-se, 100 anos depois de minha morte, talvez sim.

Chegou-lhe então mais um email de Roma. Nele se dizia não ser possível encontrar um texto que abrangesse toda a experiência de fé do Fundador; o que seria possível, isso sim, era encontrar um dossiê contendo textos de Dehon sobre seu texto bíblico predileto, que ainda hoje ocupa um lugar especial nas Constituições – documento base de sua Congregação. Pierre pensou um instante consigo, e pediu que lhe enviassem o dossiê. Enfim, sua intenção não era a de escrever uma dissertação em Teologia, mas tão somente aproximar-se da fonte, a partir da qual se desenvolveu algo que já dura tanto tempo.

Várias horas após o expediente ele se debruçara sobre os textos, mais de 110, todos contendo apenas dois versos baseados na carta do Apóstolo Paulo aos Gálatas:

«De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e entregou a si mesmo por mim»¹.

Para o momento, Pierre havia lido o suficiente. Cerrou os olhos. Não apenas para descansar, mas para sentir quais palavras lhe ficaram gravadas mais profundamente. A repercussão era clara: “*Ele me amou*”. Isso soava ininterruptamente em seu interior, de tanto que dominava os textos lidos. Ao enumerar, pôde constatar: mais de 50 vezes Dehon havia retomado esta expressão – “*Ele me amou*”. Soava como o refrão da sua vida, que repetia infinitas vezes, nas mais diversas circunstâncias. Esta é, sem dúvida, a experiência mais importante da sua vida.

« Ele me amou e entregou a si mesmo por mim (Gal 2,20). Ele me amou a ponto de assumir a minha natureza humana para fazer-se meu irmão, meu garante, meu Redentor. Ele me amou para fazer-se meu mestre por seus exemplos, seus discursos, suas parábolas »².

Sempre de novo: “*Ele me amou*”. Uma pessoa cheia de anseio, pensou Pierre, anseio de ser amado. E evidentemente, uma pessoa que de fato havia feito esta experiência. Do que havia lido sempre ecoavam admiração, entusiasmo e alegria, sentimentos que deixavam transparecer, que era exatamente assim entre Deus e Dehon: “*Ele me amou*”.

Pierre tornou a abrir os olhos e reviu uma série de fotos que ele mesmo fixara na parede, entre o seu monitor e o do colega ao lado. Estas ocupariam suas próximas horas de trabalho. Eram fotos da vida de Dehon, tiradas da internet e impressas. Quando escrevia algo sobre a vida de alguém, considerava importante ter a imagem da pessoa diante de si. Seu olhar se fixou sobre um retrato que continha uma foto dos últimos anos da vida de Padre Dehon: um homem idoso, cabelo branco, óculos, através dos quais parecia olhar diretamente para quem o observava. Um olhar sereno, atento, calmo; acima de tudo: um sorriso discreto, mas ao mesmo tempo muito sugestivo; não por acaso, o nome do arquivo era “Dehon smiling”. Um sorriso e uma afabilidade. Isso, pensou Pierre, não pode ser uma desesperada nostalgia, mas algo vivido, esse “*Ele me amou*”.

Pierre tinha a peculiar sensação de proximidade em relação a este homem falecido já há tanto tempo. Desligou o computador, apagou todas as luzes do local e se pôs a caminho de casa, já de madrugada.

No dia seguinte, mais uma vez Pierre permaneceu na sala após findar o dia normal de trabalho. Estava muito satisfeito por ter encontrado o refrão que perpassou a vida de Dehon, ao menos, conforme o mostravam os textos sobre sua citação predileta. No entanto, Pierre buscava mais do que um refrão. Queria evidências, queria fatos. A palavra *amor*, por exemplo, ele a escutava a cada 10 minutos na emissora predileta; mesmo ao falar do seu relacionamento com a namorada, ele lembraria de amor. E, o amor que Dehon havia descoberto naquele que ele chamava de Cristo? A resposta veio de um lugar que, na verdade, não tinha nada a ver com os textos do *dossiê-Gálatas* (assim Pierre costumava chamá-lo, para si mesmo). Antes de descobrir, nos textos, como Dehon descrevia esse amor de Cristo,

¹ Gal 2,19.20

² OSP III/460

vieram-lhe à cabeça algumas cenas da vida de Padre Dehon: sua dedicação aos jovens enquanto vigário de São Quintino, a defesa dos direitos dos operários, a promoção uma justa estrutura de sociedade... No entender de Pierre, tudo isso não podia simplesmente ser por obrigação e nem apenas por ideologia. Só poderia ser um reflexo do amor que Dehon havia experimentado com esse Cristo; só poderia ser uma imagem, uma continuidade ou algo assim. Teria sido esse o sentido que Dehon dava à frase: “... e ele se entregou por mim”?

« O Coração de Jesus, o amor de Jesus, é todo o Evangelho. Jesus veio ao mundo pelo amor por seu Pai e pelo amor por nós. O Evangelho é a vida de Jesus, é a proclamação desta grande manifestação de amor que durou 33 anos... Não se deve procurar no Evangelho outra coisa que o amor de Jesus, desde a encarnação até à sua morte.... o Filho de Deus nos amou, a ponto de dar a sua vida por nós (Gal 2,20). O Verbo se encarnou, por amor por nós. ... Viveu na pobreza e no trabalho, sempre ainda, por amor por nós. Ele pregou, curou os enfermos, consolou os aflitos, organizou a sua Igreja, sempre por amor por nós. E, tendo-nos amado sempre, ele nos amou ainda mais, se isto é possível, no fim da sua vida (Jo 13,1) sofrendo e morrendo por nós»³, pp. 447 - 448J.⁴

Pierre interrompeu a leitura. Sentiu que havia chegado a um limite. De repente, em Dehon, não se tratava mais apenas do amor do seu Senhor, tratava-se de sofrimento, de morte. Pierre lembrou-se das muitas imagens do Crucificado que via em igrejas, na beira de estradas ou nas casas. Imagens cruéis, de uma morte violenta. Nunca lhe haviam agradado, ao contrário, causavam-lhe repugnância. Era-lhe estranho ver algo de positivo nisso tudo. Para Dehon isso era diferente. Entendia que morrer por amor faz parte de um viver por amor. « *É ao pé da Cruz que eu gosto de meditar sobre o mistério da salvação* »⁵

Pierre olhou novamente as citações da carta aos Gálatas, enviadas de Roma. O refrão “*Ele me amou*” já lhe era conhecido. Agora também entendia um pouco melhor as diversas facetas do amor, deste “ele se entregou a si mesmo por mim” que Dehon havia descoberto em seu Senhor. Na verdade, Dehon usava indistintamente as palavras Cristo – Amor – Sagrado Coração.

Seu olhar novamente se voltou para as fotos fixadas ao lado do computador. Numa delas Dehon era uma pessoa de idade, com as mãos unidas, ajoelhado num genuflexório. Seu olhar está diretamente fixado numa imagem de Jesus, poucos centímetros à sua frente. À altura dos seus olhos não está o rosto de Jesus, mas o seu coração resplandecente. Na foto não havia nada mais: somente os dois, em absoluto silêncio, por assim dizer, face a face. Este estar diante do outro fez Pierre recordar um dos textos de Dehon, a partir da carta aos Gálatas:

« Faze a tua morada no meu coração, viverás a vida de um Homem-Deus. Já não serás tu (Gal 2,20). Um só coração, é o ideal da união, tu farás tudo comigo. Através desta união encontra-se a alegria e a força»⁶

Quarenta vezes, Pierre enumerou, Dehon havia citado e comentado este verso: «*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*»⁷. Isto era consideravelmente mais do que aquele frente a

³ OSP 5/447.

⁴ OSP 5/445s.

⁵ NQT I/376

⁶ RSP 20

⁷ Gal, 2,20a

frente da foto. E o próprio Dehon, para demonstrar seu relacionamento com Jesus, não utilizava a palavra comunidade, mas sim união (comunhão). Pierre estava surpreso: a palavra união, em primeiro lugar, fazia lembrá-lo do relacionamento com sua namorada, e também o lembrava de eros. De fato, também para Dehon, o relacionamento com Jesus tinha algo de muito íntimo: amizade, familiaridade, intimidade... estas palavras voltavam frequentemente nos textos «*até chegar a uma ligação tão estreita e uma familiaridade tão grande, que leva a supor que o homem exterior bem como o homem interior não tenham mais outra vida que a de Jesus Cristo: vivo, ou melhor, não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim (Gal 2,20)*»⁷.

Era um mundo totalmente estranho, este em que Pierre se havia metido. Sentiu resistência: o que poderia restar de uma pessoa que se abandona de tal maneira, que se entrega assim, totalmente a um outro? E o que isso ainda tem a ver com amor, quando um outro se apossa totalmente de mim? Tinha Dehon uma imagem tão negativa de si mesmo, que foi preciso esquecer-se de si próprio? Pierre sabia muito bem que estes eram pensamentos e preocupações suas, não de Dehon. Na realidade, na leitura atenta das citações de Gálatas, ele praticamente não encontrou uma linha, em que Dehon, lá no seu íntimo, realmente tivesse renegado a si mesmo. Era obviamente muito mais importante que, através desta união, ele se tornasse como que um homem novo: «*Revesti-vos de Cristo, revesti-vos do homem novo. (Ef 4,24). É necessário assumir os sentimentos de Jesus, suas palavras, sua vida luminosa...(Gal 2,20). Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*»⁸.

Naturalmente, pensou Pierre, a expectativa de Dehon, em vista desta união, era bastante positiva: a participação no amor. Pierre não tinha a menor impressão de que Dehon se deixasse levar por sentimentalismos, e permanecesse fechado num relacionamento exclusivista, onde somente ele e seu Senhor tivessem lugar. Sua vida e seus compromissos sociais falavam nitidamente de algo muito diferente, da mesma forma como a vida e os compromissos de Jesus. Isso era preciso reconhecer em Dehon: se estava presente a união e o homem novo, então não só no sentir, mas também no pensar e no agir – sempre em benefício do outro. E continuando ainda o comentário sobre o assim chamado «refrão da carta aos Gálatas», Dehon escreve:

*«Esta caridade divina provoca em nós um duplo amor: o amor de reconhecimento para com Deus, o amor de dedicação ao próximo que é tão caro a Deus. Este duplo amor é a fonte dos mais importantes benefícios sociais e econômicos; um dia haveremos de reconhecê-lo»*⁹.

Mas como, pelo amor de Deus, se poderia entender esta tal união, tão frequentemente citada. De novo Pierre olhou para a foto da silenciosa presença: Dehon e a estátua de gesso de Jesus com o coração aberto.

«*Sigamos Jesus, andemos sobre seus passos, contemplando-o, imitando-o, inspirando-nos sempre dos sentimentos do seu Coração: Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus Fil 2,5*). Se o procurarmos, se nós o servirmos, se o amarmos, ele não será insensível. Virá mais intimamente a nós, fará em nós a sua morada e tomará tudo em mãos. E viverá em nós (Gal 2,20) »¹⁰.

⁸ MND, p. 720

⁹ OSC IV/650

¹⁰ OSP 4/183

Ficou evidente, por fim, que Dehon cultivava essa nostalgia de uma relação de intimidade, cultivava a contemplação de toda a vida de Jesus, e a enorme confiança de que também Jesus queria este estar-com. Mas de cada linha do «dossiê-Gálatas» ficou também claro que essa união era dom do próprio Jesus.

Por último, Pierre lançou ainda um olhar sobre a conclusão da sua história. Tinha diante de si uma nota de falecimento feita por Georges Goyau, poucos dias após a morte de Dehon. Goyau não era membro da Congregação, era um intelectual católico, ativo no campo social, e que havia trabalhado junto com Dehon. De imediato, Pierre considerou que a citação se ajustava perfeitamente à conclusão do seu artigo. Depois de tudo que havia lido e descoberto sobre Dehon, nas citações da Carta aos Gálatas, as palavras de Goyau lhe pareciam combinar exata e fascinantemente com a pessoa do Fundador.

«Ainda posso ouvir P. Dehon, naquela época, em Val de Bois, desenvolver diante de jovens seminaristas e leigos, as grandes linhas da doutrina pontifícia; delas deduzia, para alimentar as energias deles, os ensinamentos que continham. A sua figura era altaneira e rigorosa a sua teologia; mas logo a seguir, na medida em que falava, afluía a seus lábios essa ternura de alma que se alimentava, nas meditações diárias, da contemplação constante de uma outra ternura, a ternura do Homem-Deus. Ele era, antes de tudo, enquanto apóstolo social, o discípulo do coração que tinha compaixão.»¹¹

¹¹ La Libre Belgique, 9.11.1925, AD Inv-Nr 0068406